

Epistemologias e praxiologias decoloniais nos estudos de línguas/linguagens e na educação linguística

Decolonial epistemologies and praxiologies in language studies and language education

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira¹
Kléber Aparecido da Silva²
Leketi Makalela³

Com alegria, apresentamos às leitoras e aos leitores da Revista Solettras o dossiê “Epistemologias e praxiologias decoloniais nos estudos de línguas/linguagens e na educação linguística”, que reúne múltiplas perspectivas. Nesse sentido, tomamos como ponto de partida a ponderação do professor Lynn Mario Menezes Trindade de Souza sobre a necessidade de se pensar a linguagem “de baixo para cima”, tendo-se em conta a diversidade de usuários, contextos e práticas.

Assim, considerando que as línguas/ linguagens se constituem como coletâneas de práticas multiformes (Souza, 2019) e que o enfrentamento crítico das matrizes coloniais de opressão é uma tarefa urgente, trazemos a público uma coletânea de artigos que teorizam, problematizam e discutem concepções e experiências relacionadas à transformação epistêmica e praxiológica da pesquisa e do ensino de línguas/linguagens.

Os textos aqui recolhidos compõem um mosaico de reflexões acerca de dimensões teórico-conceituais e metodológicas de pesquisas e práticas no campo das linguagens e trazem contribuições para sua descolonização. Na organização do sumário, buscamos agrupar os textos por afinidades.

Iniciamos por dois artigos que debatem racismo, colonialidade e antirracismo.

¹ Professora Associada do Departamento de Letras e membro do corpo docente do PROFLETRAS, do PPLIN e do PPGEDU da FFP/UERJ. Líder do grupo de pesquisa Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (PROFJUS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0141-4008> . E-mail: marcia.lisboa.oliveira@uerj.br

² Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP – São José do Rio Preto). Professor Associado 2 do Curso de Letras “Português do Brasil como Segunda Língua” e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Coordenador Geral do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767> . E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br.

³ Professor titular na Wits School of Education, University of the Witwatersrand, África do Sul. Seus interesses de investigação incluem a translíngua, o multilinguismo africano e as línguas e literacias africanas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6375-5839>. E-mail: leketi.makalela@wits.ac.za.

Em “A invenção da língua e suas maquinações: Educação Linguística, Colonialidade e Racismo”, Nicolas Santos e Gabriel Nascimento pensam a linguagem como invenção na problematização das dimensões coloniais que atravessam o Ensino de Inglês para Falantes de Outras Línguas. As discussões teóricas desenvolvidas nesse artigo dialogam com os fundamentos e as práticas apresentadas no texto “Projetos de letramento: praxiologias decoloniais para formação antirracista de professores de línguas”, de Bruna Carolini Barbosa, que aborda a importância da integração da praxiologia decolonial ao letramento do professor em projetos que almejem contribuir com a busca por equidade racial e justiça social.

Em sequência, encadeamos dois artigos que trazem reflexões sobre a educação linguística na Guiné Bissau, também perpassados por visões críticas e decoloniais. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre e Alfa dos Santos Silom discutem, no texto “Variedades linguísticas do guineense: por um debate crítico sobre educação linguística em Guiné-Bissau”, a complexidade do contexto linguísticos guineense, apontando a hierarquização, de matriz colonial, que se constrói entre as variantes linguísticas presentes no país. Já em “A pedagogia decolonial e a interculturalidade crítica para o/no ensino de português como língua adicional no contexto multilíngue e multicultural da Guiné-Bissau”, Fidel Quessana M'bana e Anair Valênia Martins Dias discorrem sobre o ensino do português como língua adicional (PLA), a partir da pedagogia decolonial e da interculturalidade crítica, defendendo uma abordagem intercultural e multilíngue no ensino e na formação de professores.

Agrupamos, em seguida, textos que refletem sobre a descolonização de currículos e de práticas no ensino superior e na educação básica. Tensões de matriz colonial presentes na universidade são postas em cena em dois artigos que problematizam, respectivamente, as políticas linguísticas voltadas para a comunidade surda e a avaliação de aprendizagem. No artigo “Decolonizar as diretrizes curriculares e educacionais: repensando o ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para pessoas surdas”, Adriana Barros, Valéria Campos Muniz e Danielle Cristina Mendes Pereira Ramo apontam o reconhecimento da cidadania linguística da comunidade surda como um aspecto fundamental na elaboração de políticas públicas de formação docente assim como em práticas de ensino de língua portuguesa escrita como segunda língua.

Enfocando a colonialidade instalada no ensino superior por outro viés, Valdeni da Silva Reis analisa discursos de estudantes de graduação e de pós-graduação em língua inglesa sobre

uma experiência de avaliação que rompeu com modelos centrados em relações de poder e opressão, no artigo “Decifra-me ou te devoro? A experiência para a transgressão dos sentidos em torno da avaliação da aprendizagem no ensino superior”.

Visando à descolonização dos cânones, as autoras de “Literaturas indígenas na escola: uma janela para desobediência epistêmica” e de “O rap de autoria indígena: descolonizando currículos e saberes nas aulas de língua portuguesa” propõem a incorporação das literaturas de autoria indígena às práticas de ensino”. Ivonete Nink e Patrícia Graciela da Rocha põem em destaque o reconhecimento da “literatura como uma ferramenta de interação entre culturas e de troca de conhecimentos, enquanto Marcela Martins de Melo Fráguas acentua a relevância do rap de autoria indígena em “uma formação voltada para a descolonização de saberes e para a justiça social”.

Fechamos o dossiê avançando em direção ao debate sobre relações entre linguagem, fé e democracia, com o artigo “Vai na fé: teledramaturgia na sala de aula para (re)construir a (eco)democracia brasileira”, de Simone Batista da Silva e Andrea Antonieta Cotrim Silva, que defendem a abordagem do tema fé em práticas pedagógicas de educação linguística crítica e decolonial, a partir da inserção crítica das telenovelas em nas aulas de línguas.

Desejamos que este dossiê provoque reflexões e contribua para transformações no que concerne ao reconhecimento dos traços da colonialidade ainda presente nos estudos de línguas/linguagens e na educação linguística e à transformação de suas dimensões ontológicas, epistêmicas e políticas.

A organizadora e os organizadores

REFERÊNCIAS

SOUZA, L. M. M. T. Educação linguística: repensando os conceitos de língua e linguagem. *In*: FERRAZ, D. M.; KAWACHI-FURLAN, C. J. *Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.